



URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade

Enrique Grunspan Staschower

enrique.staschower@usp.br | Universidade de São Paulo

As transformações do espaço fabril em S. Caetano do Sul (SP), no século xx:

O caso da i.r.f. matarazzo

The transformations of industrial spaces in S. Caetano Do Sul (SP), in the twentieth century:

The case of I.R.F. Matarazzo

Las transformaciones del espacio fabril en S. Caetano do Sul-SP en el siglo XX:

El caso de I.R.F. Matarazzo

Resumo | Abstract | Resumen

1. Introdução

A transformação dos espaços, especificamente nos subúrbios da cidade de São Paulo, de espaço rural em industrial, na virada do século XX, terminou como áreas de desindustrialização graças à lógica da acumulação do progresso que percorria o ideário da modernidade. Esse espaço industrial, enquanto reprodução das

relações sociais produtivas, conforme analisa Henri Lefebvre (2008), realiza-se na produção do urbano, nas experiências vividas, nas técnicas empregadas e no imaginário de cada época – enquanto espaços vividos, concebidos e percebidos.

Esse espaço criado se impõe, por meio das condições técnicas que se sedimentam em cada período, como medidas cristalizadas do tempo do trabalho, da circulação e da cooperação. Assim imprimindo, no imaginário de um grupo social, as sensações da velocidade das transformações, expressas nas palavras de Milton Santos:

É o lugar que atribui às técnicas o princípio da realidade histórica, relativizando o seu uso, integrando-as num conjunto de vida, retirando-as de sua abstração empírica e lhes atribuindo efetividade histórica. E, num determinado lugar, não há técnicas isoladas, de tal modo que o efeito de idade de uma delas é sempre condicionado pelo das outras. (SANTOS, 2006 p. 36).

Dessa forma, os espaços herdeiros das técnicas de uma modernidade industrial se apresentam, hoje, como espaços da crise dos valores da acumulação que acreditavam ser eternos por usufruírem de bens naturais inesgotáveis, tributários de energias baratas e infindáveis. A pós-modernidade, porém, se apresenta como efêmera e fugidia, demandando uma flexibilidade de recompensas atraentes, hedonistas e fluídas – assim desfazendo fronteiras físicas – no qual tempo e espaço não se compreendem independentes da ação social. (HARVEY, 1996)

E, ao tomarmos estas alterações sócio espaciais como expressão dinâmica entre “trabalho morto e trabalho vivo”, compreenderemos como as formas e o meio deixam heranças às etapas seguintes, em supressão, acumulação e superposição. Santos assim as denomina “rugosidades”, tais como tempos cristalizados, em que a interpenetração dos trabalhos, feitos e a fazer, permanecem como marcas do passado e de uma sobrevivência de vínculos espaciais transmitidos. (SANTOS, 2006).

Tais espaços herdados da modernidade são os vácuos das indústrias que não se adequaram à flexibilidade pós-moderna e deixaram em seu lugar vazios sociais e econômicos. Tornaram-se, portanto, cicatrizes urbanas ocupadas por populações em risco: as áreas de exclusão; abrigo aos desprotegidos sociais que se somam aos também “desprotegidos de emprego” da indústria que se retirou e que habitaram vilas operárias às bordas da indústria.

Restaram as “áreas órfãs” às cidades, ou seja, áreas vagas e subutilizadas da indústria, abrigo de resíduos ou subprodutos industriais. Junto também de instalações potencialmente contaminantes, ou detritos enterrados que potencializam poluentes de lençóis freáticos por resíduos que tenham sido, planejadamente ou não, depositados, acumulados, armazenados, enterrados ou infiltrados. Assim, compartilhando em seu espaço, as marcas físicas com a dos empregos perdidos (VAISMAN e GATTI, 2007)

Para entendermos como se deu esse evento, que segundo Santos, é resultante da matriz tempo e espaço, cuja mudança é de uma brutalidade eficaz, cabe-nos a responsabilidade de enumerá-lo e reconstituí-lo. “Os eventos dissolvem as coisas [...] é o nosso saber que também se dissolve, cabendo-nos reconstituí-lo por meio da percepção do movimento conjunto das coisas e dos eventos” (2006, p. 94) buscaremos, assim, reconstituir os eventos sociais do conflito entre os homens, o trabalho e o ambiente.

Dentro desse marco dos espaços vividos, concebidos, percebidos e herdados de uma modernidade, essa que não compreendeu limitações sócio ambientais, permaneceram cristalizados no espaço – tempo as formas fabris. Aqui trataremos de compreender as alternâncias e permanências dessas formas quando a busca da modernidade, ao fim de um primeiro momento de industrialização, demonstrou haver um descompasso entre os tempos de uma sociedade e seu meio, os subúrbios da cidade de São Paulo ou mais especificamente na cidade de São Caetano do Sul do ABC paulista.

2. Primórdios Fabris

Podemos entender que a vocação industrial na região do ABC Paulista, onde localiza-se a cidade de São Caetano do Sul, foi definida na implantação da ferrovia São Paulo Railway em meados do séc. XIX, nos terrenos às margens do Rio Tamanduateí, quando na última década do séc. XIX a nascente indústria paulistana buscava terrenos baratos, nos subúrbios de São Paulo, com os benefícios do transporte de insumos importados e da distribuição para venda na capital e interior. Porém anteriormente já havia registros de atividades fabris nesta região, uma vez que ela, já no século XVII, sediava Fazendas de Beneditinos, a de São Caetano do Tijucussu¹, Jurubatiba e São Bernardo; a primeira especialmente por sua produção de cerâmica, conforme descreve Martins:

[...] telhas, tijolos, lajotas, canaletas, que por mais de 130 anos, nos séculos XVIII e XIX, foram utilizados em construções na cidade de São Paulo e reforma de seus edifícios, como o Palácio do Governo da Capitania, no Pátio do Colégio, o Convento de São Francisco, o Convento de Santa Tereza, o chafariz da Misericórdia, além do próprio Mosteiro de São Bento, sua igreja e suas casas de aluguel. (MARTINS, 1991 p.5)

Esta produção era realizada próximo à confluência dos córregos Tamanduateí e dos Meninos, por índios administrados e escravos negros (africanos e crioulos), demonstra-se assim que além das atividades agrícolas era uma Fazenda Industrial, já que compareciam trabalhadores aforados – ou seja, aqueles que pagam pensão ou foro anual pela atividade permitida – como a realizada pelo feitor Mestre Marcos que no período de 1754 a 1757 administrava os escravos e em 1762 aforou uma ilha no rio Tamanduateí para sua própria produção, em uma condição ambígua de índio administrado, livre, mas sob a tutela dos Monges, por não ser branco (MARTINS, 1988).

¹ O nome da Fazenda é uma homenagem a São Caetano di Thiene, canonizado no ano de 1671 pelo Papa Clemente X

A importância desta cerâmica pode ser dimensionada não somente pela re-levância das construções onde ela foi aplicada – o que denota sua qualidade – mas também o crescimento da demanda, já que o sucesso desta empreitada exigiu a instalação de novos equipamentos fabris, em adição àqueles do primeiro conjunto de forno e olaria construído em 1730, conforme relata Carvalho:

Alguns anos depois, a atividade oleira firmou-se de tal modo nesta fazenda que passou, até mesmo, a polarizar as decisões dos monges. Enquadra-se, portanto, neste contexto, a proposta de construção de uma segunda olaria na fazenda de São Caetano, feita pelo abade José de S. Domingos ao Conselho do Mosteiro. A referida proposta encontra-se assim disposta no livro deste Conselho: A 29 de abril de 1757 propôs ao Conselho o D. Abade a construção de uma segunda Olaria em São Caetano – visto ser procurada na cidade a cerâmica ali feita, conforme Códice 25 do Mosteiro apud TAUNAY, Afonso de E. História Antiga da Abadia de São Paulo (1598-1772). (CARVALHO, 2007 p.7)

Podemos também dimensionar a renda advinda da produção de cerâmica pela importância e a qualidade das reformas efetuadas na Casa Grande e na Capela, uma delas (a última) entre 1817 e 1828, que contou com a contribuição do Engenheiro Militar José Custodio de Faria e Sá², considerando a Capela “um exemplar da arte barroca numa fazenda de um subúrbio paulistano” (MARTINS, 1992).

Esta fazenda dos beneditinos seria desapropriada no último quartel do século XIX e sediaria o Núcleo Colonial que receberia inicialmente 150 imigrantes italianos, que definiria um imaginário europeizado para o futuro Município de São Caetano do Sul. Instalaram-se em 1877 sobre as terras desapropriadas, ocupando provisoriamente a Casa Grande e sua Capela - que em 1901 seria ampliada e transformada em Igreja Matriz, simbolicamente eleita

² Engenheiro Militar, reconhecido pelas suas soluções para da Igreja de Santa Cruz dos Militares no Rio de Janeiro e da Catedral de Montevidéu.

como elemento físico de superação das dificuldades destes imigrantes.

Conforma-se assim o “trabalho morto e trabalho vivo” do conjunto de rugosidades formadas pelo vale do rio Tamanduateí, pelo transporte através da linha do trem, nas relações sociais de um grupo ao redor do trabalho fabril.

A criação do Núcleo Colonial de São Caetano, tinha por finalidade prover a cidade de São Paulo de um cinturão de produção de hortifrúteis. Porém a qualidade do solo não era apropriada para uma larga produção agrícola, conforme experimentado pelos monges beneditinos, agravando-se a situação dos colonos ainda mais pelo abandono do Império, que lhes retirou sua tutela e o auxílio monetário, esta situação faz com que estes colonos voltem à vocação extrativista e fabril da fazenda beneditina, instalando olarias sobre as antigas áreas de plantio.

Não seria de se estranhar que boa parte destes colonos negociasse seus lotes rurais entregando-os a industriais que buscavam terrenos baratos nos subúrbios de S. Paulo para instalação de suas fábricas, conforme cita Saes e Nozoe:

Embora, em seus primórdios, tivesse havido a instalação de muitos estabelecimentos no interior do Estado, atraídos pela proximidade da matéria-prima ou pela facilidade da energia hidráulica, verificou-se uma progressiva concentração da indústria nos limites da Capital (...). As indústrias passaram, então, a buscar outras localidades, primeiro no entorno da Capital e, depois, em municípios mais distantes do interior. (SAES; NOZOE, 2006 p.3)

Simbolicamente, a transição à produção industrial se dá pela venda do Lote onde estavam os antigos fornos cerâmicos dos beneditinos, conforme destaca Martins:

[...] Os fornos ficavam no terreno que seria adquirido, em janeiro de 1880, pelo Dr. Samuel Eduardo da Costa Mesquita, dentista da Rua Direita, em São Paulo, que neles passaria a produzir os tijolos da Marca “Paulista”, dos quais ainda podem ser encontrados em velhas construções de São Caetano. É a

Não seria este o primeiro lote a ser adquirido pelo Dr. Samuel Eduardo da Costa Mesquita, uma vez que adquirira anteriormente em 1879 o Lote no. 64 da margem esquerda do Córrego dos Meninos, mais tarde compraria 73% do Lote no. 28 de Luigi D'Agostini³, situado à margem esquerda da ferrovia (em direção a Santos) e adjacente ao lote adquirido anteriormente. O dentista despenderia “uma pequena fortuna” entre 12/1879 e 3/1880 para a compra de lotes, material e salários de empregados para restabelecer a olaria. O Dr. Samuel Eduardo da Costa Mesquita viria a falecer em 13/1/1894, entretanto, seu empreendimento industrial seria a base da empresa Pamplona, Sobrinho & Cia. que comprou estas terras e para lá se transferiu em 1896 com o propósito de produzir sabão e graxa, contratando entre 30 e 40 trabalhadores, sendo que 98% deles eram italianos – vizinhos provavelmente.

A empresa Pamplona adquirirá posteriormente toda a área histórica da fazenda dos beneditinos, posteriormente arrendada em 1912, ao Conde Francesco Matarazzo e vendida ao mesmo em 1916. Também se instala a Fábrica de Formicidas Paulista, trazida por iniciativa de um grupo capitalista liderado pelo futuro Governador de São Paulo, Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, que em 1893 empregava 16 adultos e 3 menores, chegando a 35 operários em 1901 (MARTINS, 1992).

Assim nas franjas entre o rural e o urbano, subordina-se à cidade a terra e o trabalhador, onde anteriormente o tempo era regido pelo ciclo anual da semeadura e colheita, passou a ser regido pela nova tecnologia do trem, do vapor, das horas e minutos diários de produção, imposta pela industrialização nascente. Lentamente

³ Todos os colonos assentados tiveram de pagar pelos seus lotes, pela alimentação e pelo adiantamento em dinheiro recebido. O Governo não emitiu nenhum título sem esse pagamento, sintomaticamente os títulos de propriedade foram emitidos já na República. No caso da venda ao Dr. Samuel Mesquita, fez-se constar na Escritura o débito que Luigi D'Agostini tinha com o governo de Rs. 318\$585 assumindo assim a responsabilidade por este pagamento. Este débito pelas terras, alimentação e adiantamento era quase 20 vezes o valor pago 17 anos antes pela totalidade da Fazenda dos Beneditinos. (MARTINS, 1998)

surgiria a característica do subúrbio: edifícios industriais implantados sobre uma área rural, cujos trabalhadores pertencem às famílias de agricultores adjacentes ou aqueles que lhes venderam seus lotes – conforme podemos ver na Figura 1.

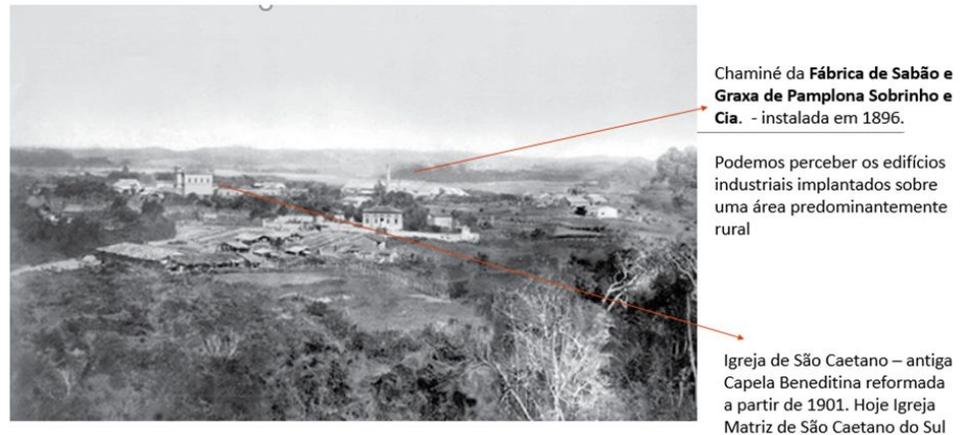


Figura 1: Foto panorâmica do Subúrbio de São Caetano (c.1907)

Fonte: Fundação Pró-Memória de S. Caetano do Sul

3. Evolução Urbana: de Povoado-Estação a Subúrbio-Estação

Podemos adotar várias definições de subúrbio, uma delas como parte dos espaços além da cidade, ou entrecortados entre incipientes trechos urbanos e trechos rurais, ou aqueles nas bordas da cidade, ou ainda a “não-cidade” – já que não está na urbe. Entretanto chama nossa atenção aquela definição contextualizada por Rosalinda Burgos:

De uma noção de espaço mais ou menos bem delimitada de cidade e subúrbio, desembocamos no centro e na periferia. O centro compreendido como o lugar do acúmulo histórico; lugar de nascimento das instituições da cidade. A periferia o outro, aquele que não é a cidade. A noção de subúrbio ficou anacrônica em relação à periferização produzida na modernidade. Quando o sistema ferroviário ligava o espaço da cidade com seu entorno estávamos diante do subúrbio. ” (BURGOS, 2011. P.7)

Como um subúrbio, Núcleo Colonial de São Caetano emancipado em 1879, que nasceu em 1874 com a distribuição de 93 lotes rurais e 26 urbanos. Entre 1878 e 1891, foram entregues Lotes a 68 famílias italianas e 5 famílias não italianas – que já se encontravam na região antes de 1874. Inicialmente, pretendia ser parte de um cinturão de policultura agrícola, em oposição à monocultura cafeeira e buscava uma estabilidade econômica na vitivinicultura. Até que, na década de 1890, a praga filoxera devastou os vinhedos, levando sua agricultura ao agravamento crítico de uma situação já em subsistência.

Os lotes urbanos se distribuíam frente à Capela e à Casa Grande, remanescentes da Fazenda Beneditina e sua finalidade era prover uma centralidade paralela à linha férrea. Eles se alinhavam em duas ruas cruzadas que apontavam simbólicas direções: uma se conectando ao Rio Tamandateí e ao caminho antigo que levaria a Mooca e S. Paulo, enquanto que a outra, saindo da Capela Beneditina, dirigia-se aos lotes rurais – conforme figura 2 – seria a gênese da malha urbana.

Dentre as primeiras descrições do Núcleo, uma das mais interessantes é de Henrique Raffard que apresenta um aspecto bucólico na concepção do subúrbio:

A colônia de S. Caetano que também visitei em 1879, então já era bem interessante – a capelinha rodeada de umas 17 casas com boas hortas, três fornos para tijolos, telhas e louça, tudo tinha risonho aspecto neste núcleo a 10 quilômetros da capital, com uma população quase toda italiana, sendo a décima parte brasileira. (RAFFARD, 1977 p.62)

A proximidade da franja urbana “a 10 quilômetros da capital” soa interessante, uma vez que São Paulo de finais do sec. XIX era espraiada em uma urbanização desordenada e pulverizada em diversos centros. Portanto, para Raffard, o subúrbio do Núcleo Colonial não era longínquo em uma percepção espacial, mas uma vez que era dotado de um amontoado de “casas com boas hortas”,

essa caracterização talvez o aproximasse de uma urbanidade reconhecida.

O modesto comércio desse casario teria um significado importante pela sua conexão com a linha férrea, já que a parada do trem para o despacho da produção vitivinícola levaria a sua relevância de uma simples plataforma em madeira a uma estação com frequências diárias em ambos sentidos (litoral e interior). Dessa forma aglutinou a seu redor mais do que as “17 casas com boas hortas”. Também à nascente indústria interessaria essa proximidade, uma vez que a convergência de produtos e pessoas seria um fator de atração além dos terrenos planos e baratos – comprados aos empobrecidos colonos.

Provavelmente as primeiras indústrias contratariam os moradores locais como funcionários, já que a colônia circundava esse Centro Urbano; mas seria provável que um outro grupo de funcionários especializados, oriundos de S. Paulo, fizesse o movimento pendular moradia-trabalho-moradia e outros fixariam residência ao redor da estação, ampliando o núcleo inicial.

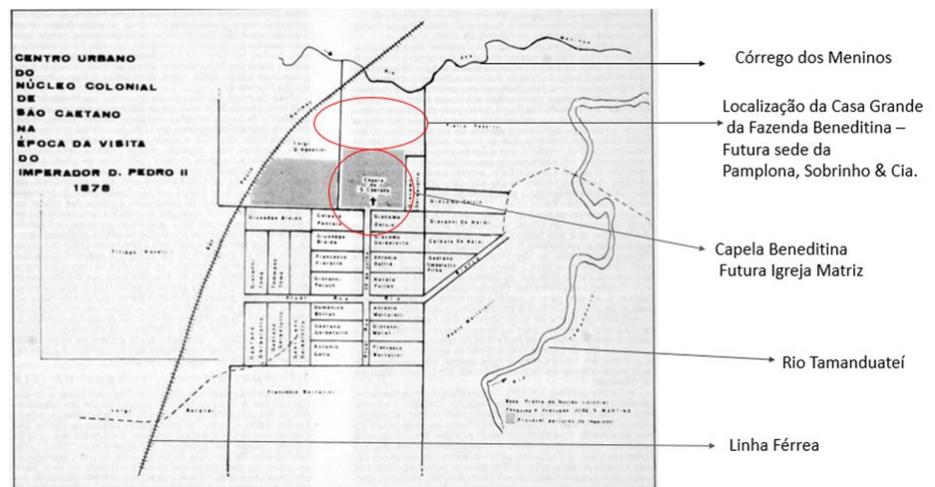


Figura 2: Planta esquemática do Centro Urbano do Núcleo Colonial de São Caetano, em 1879, com a localização da Capela dos Beneditinos e os Lotes

Fonte: Subúrbio de José de Souza Martins

Já a precarização da economia agrícola e as oportunidades de expansão urbana forçaram a venda dos lotes urbanos e o fracionamento dos lotes rurais em glebas e bairros urbanizados. Desta forma, aquela rua originária do traçado inicial que levava aos lotes rurais transformou-se no catalizador da malha urbana.

Dessa forma, o Centro Urbano de um Núcleo Colonial se transforma em um aglomerado urbano conectado a uma estação ferroviária, surgindo aquilo que Langenbuch chamou de “povoado-estação”, caracterizando os assentamentos entre 1875 e 1915. Esses dependiam da conjunção das estações-indústrias-loteamento iniciante, irradiando sua malha entre as indústrias e a linha férrea, conformando a dinâmica urbana. Surgem, assim, as casas construídas pelos próprios moradores/operários e as “Vilas operárias” criadas pelas fábricas. (LANGENBUCH, 1971 p.41)

De princípio, a cidade seria marcada pela nascente indústria extrativista, pelos tijolos de barro e telhas que alimentariam a expansão do “povoado-estação” com empregos e autoconstrução de casas de gabarito baixo, construídas sobre o alinhamento das ruas sem calçamento ou infraestrutura. Uma paisagem de casarios geminados entremeando chaminés e galpões industriais, onde a porta de entrada e saída era a estação ferroviária. Assim, a ferrovia articulava a transformação das chácaras em “bairro da estação”, que por sua vez conectar-se-iam a “vilas operárias”, galpões e armazéns através de antigos e estreitos caminhos rurais, assentados sobre meia encosta para acompanharem as curvas de nível e evitar ladeiras – intransitáveis sob chuvas. Confundiam-se, portanto, lado a lado fábrica, armazém e residências, entremeando telhados de duas águas, estreitas marquises e platibandas. (PASSARELLI 2011)

Interessante perceber que a dinâmica urbana do núcleo de S. Caetano, irradia da Igreja Matriz de S. Caetano (transformada pela ampliação da Capela Beneditina a partir de 1901) paralela à linha do férrea e ao Rio Tamanduateí, dando as costas ao Córrego dos

Meninos e ao nascente bairro da V. Carioca, obstado pela instalação da Fábrica Pamplona Sobrinho & Cia. – conforme Figura 2 – portanto, desconectado de S. Paulo enquanto conectado a São Bernardo (atual Santo André).

Como bem destaca Langenbuch sobre a continuidade espacial S.Paulo-São Caetano – Santo André:

Num exame regional da industrialização suburbana, verificada entre 1915 e 1940, desponta nitidamente a faixa do município de São Bernardo, [...] o trecho compreendido entre a divisa de S. Paulo e o aglomerado da Estação São Bernardo (que passou a se denominar Santo André no decorrer do citado período). A faixa São Caetano - Santo André é a única porção dos arredores paulistanos a se tornar em uma verdadeira “zona industrial suburbana” [...] A mesma se destaca pelo grande número de indústrias que ali se estabelecem, pelo tamanho das mesmas e pela diversidade de ramos industriais. [...]

Nesse sentido, o trecho São Caetano – Santo André se estruturava como prolongamento funcional e morfológico da faixa industrial de beira – linha de São Paulo, não obstante a solução de continuidade ainda existente entre o Ipiranga e a divisa municipal. (LANGENBUCH, 1971 p.142)

Na década de 1940, a expansão urbana se caracteriza pela abertura de ruas e não mais pelos lotes, permitindo uma organização espacial que avança para o “outro lado da linha férrea”. Estimulando, então, o surgimento de oficinas e salões comerciais em sobrados de usos mistos que abastecem o florescimento dos bairros nascentes em S. Paulo, como Vila Califórnia, Vila Bela, e Parque da V. Prudente, bairros novos abastecidos por linhas de ônibus e sobre ruas calçadas, conectando centros comerciais satélites à estação (PASSARELLI, 2011).

A presença da ferrovia marca o “lado de cá” ou o “lado de lá” da ferrovia, o “centro novo” e o “centro velho”, a cidade baixa ou a cidade alta. A expansão urbana interconecta e desaparece com fronteiras municipais, pois graças à interconexão dos ônibus, a estação se conecta aos bairros e, segundo Langenbuch:

A própria existência destas linhas estação suburbana – periferia do subúrbio retratam a dimensão que São Caetano e Santo André já haviam alcançado. Os ônibus, sem dúvida, propiciaram a expansão destes “subúrbios – estação” para as áreas afastadas da estação” (LANGENBUCH, 1971 p. 155)

4. A Primeira Fase da Industrialização

Se Francesco Matarazzo fora atraído a São Caetano pela oportunidade de instalação de fábricas na proximidade da linha de trem, o que facilitaria a chegada de matéria prima e a distribuição da produção, soma-se o preço da terra e, conseqüentemente, a possibilidade de colocar sua produção em escala em um mesmo local⁴ – tal como fizera nas instalações industriais do Brás e Água Branca, onde em 1920 mantinha um complexo industrial que produzia sabão, velas, estearina, oleína, glicerina, pregos, refinação de açúcar e óleo. Devemos adicionar a este conjunto de possibilidades as relações de pertencimento e subordinação estabelecidas entre Matarazzo e seus funcionários, enquanto italianos imigrados (ou descendentes), uns bem-sucedidos outros dependentes.

O sucesso das empreitadas industriais de Francesco Matarazzo se devia à independência, já que detinha a sua própria produção de matérias primas, sem envolver fornecedores externos, somando-se a autonomia de suas fábricas, por englobarem em um mesmo terreno o ciclo produtivo, a expansão e a manutenção. Esta seria a característica do primeiro período da nossa industrialização – indústrias químicas verticais concentradas nas franjas urbanas ou subúrbios interligados pelo trem. A partir desta filosofia produtiva o patrimônio, de Francesco Matarazzo, em 24 anos saltou de 20 contos de reis (1887) a 8500 contos de reis (1911), alcançando no seu apogeu 365 indústrias. (DEAN, 1971; MARCOVITCH, 2003; BLECHER, 2014).

⁴⁴ Somem-se a isso os incentivos fiscais da Lei municipal no. 95 de 16/09/1911 que isentava de impostos as novas indústrias instaladas na região, que empregassem um mínimo de 50 funcionários, desde que não houvesse similares no Município. (MEDICI, 1993)

Desta forma as IRFM, Indústrias Reunidas Fábricas Matarazzo, assim denominadas desde 1911, passam lentamente a abrigar uma série de atividades em São Caetano em sequência às experiências fabris bem sucedidas no Brás e Água Branca, surgem então em 1922 o Curtume, depois transformado em fábrica de sulfureto de carbono, utilizado no seu processo industrial, culminando com a inauguração da fábrica Visco-Seda Matarazzo em 1926, uma unidade de produção de fios de rayon, a partir da celulose vegetal, única no país, empregando 1500 funcionários em 60.000 m² de área, mormente mulheres, que lhe daria o monopólio desta produção até a inauguração da Nitroquímica⁵. Seguem-se as inaugurações das unidades Papel, Papelão e Celulose em 1930, Louças Cláudia em 1935, que seria líder na fabricação de louças e azulejos. As indústrias químicas do grupo seguiriam com a fábrica de ácidos em 1936, sulfato de alumínio em 1939, soda cáustica e hexacloro em 1948, e resinas polivinílicas (em associação com a Geon do Brasil, em 1954), carbureto de cálcio, acetileno e cálcio em 1955, culminando com a de ácido sulfúrico em 1961, reforçando a vocação de indústria química nas suas unidades em São Caetano. Ao final da década de 1930, a IRFM inaugura junto à divisa entre São Paulo e São Caetano do Sul, um novo desafio para ao Grupo Industrial, a segunda refinaria de Petróleo do país e a primeira privada, a IME – Indústria Matarazzo de Energia – que produzia gasolina, querosene de avião e outros produtos petrolíferos, permanecendo ativa até inícios da década de 1970. (CALICIO, 2012; RODRIGUES; VILELA, 2013)

Durante o período de 40 anos, da década de 20 ao final da década de 60, a unidade de São Caetano foi considerada pela IRFM como o grande complexo industrial, já que nele trabalhavam quase 10 mil funcionários, grande parte deles do próprio município. A IRFM foi pioneira na introdução de benefícios indiretos, tais como cooperativa de alimentos essenciais, construção de vilas operárias,

⁵ Criada em 1936, por uma associação das famílias Ermírio de Moraes e Wolf Klabin.

abonos e prêmios em ocasiões especiais, reforçando ligações de pertencimento anteriores, já que desde a década de 1910 o Grupo chegara a empregar 80% do seu quadro de funcionários por trabalhadores italianos ou seus descendentes diretos – tais como Francesco Matarazzo e os primeiros moradores do Núcleo Colonial. (RODRIGUES; VILELA, 2013)

Esta origem comum, a Itália, seria manipulada reforçando a criação de uma memória de um passado de imigrantes “valorosos e trabalhadores que aqui chegaram para desbravar terras inabitadas, trazendo o progresso”, tal como transparece na Placa comemorativa do cinquentenário da Fundação do Núcleo Colonial-1927 – afixada na lateral da Igreja Matriz, junto à Praça Ermelino Matarazzo.

Estes trabalhadores tiveram reforçados seus vínculos ou talvez sob inspiração da legislação trabalhista do período Vargas, mas em 27/10/1940⁶ a prefeitura concede o Alvará de Construção para 79 casas destinadas aos funcionários – a Vila Matarazzo – construída no perímetro da fábrica, inicialmente alugadas aos funcionários e posteriormente vendidas aos mesmos – conforme vê-se na Figura 2.

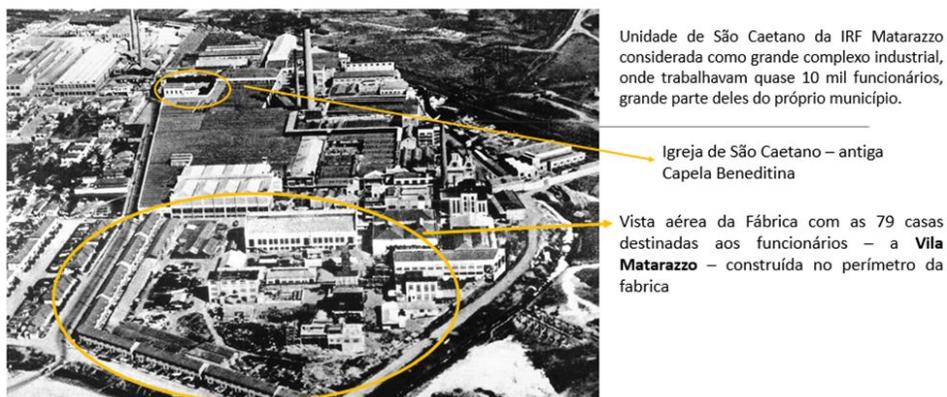


Figura 3: Foto aérea das IRFM, década de 1950. Destaca-se na parte inferior à esquerda o grupo de Residências da Vila Matarazzo, localizadas no perímetro da área industrial. Fonte: Fundação Pró-Memória de S. Caetano do Sul

⁶ Conjunto Residencial SAIRF Matarazzo, autor do projeto Francisco Verrone segundo os Alvarás 3174, 3082, 4190, todos de 1940; Alvará de Habite-se emitido sob no. 479, talão 12, de 27/9/1940. Segundo o Projeto as águas sujas seriam lançadas ao Tamanduateí após tratamento de fossas a cada grupo de 6 casas.

O nascente Município de São Caetano do Sul⁷ demonstrava uma determinada vocação industrial superior às das outras cidades do ABC paulista, uma vez que detinha uma população de mais de 27000 habitantes, enquanto que Santo André contava com pouco mais de 38000 e São Bernardo tinha menos de 12000 habitantes; sendo que a distribuição de indústrias da região era de 40% em Santo André, 40% em São Caetano, 12% em São Bernardo, 5% Mauá e 3% Ribeirão Pires. Portanto desprende-se da análise destes índices que a disputa pela emancipação de São Caetano refletia a competição pela liderança industrial. Contava-se entre as indústrias instaladas em São Caetano até fins da década de 1950 a Cerâmica São Caetano, General Motors, Villares, Corrente, ZF do Brasil, Chocolates Pan, Brasilit, Metalúrgica Aliberti, além da própria IRF Matarazzo. (MEDICI, 1993).

Porém no período de 1950 a 1960 o padrão de investimento industrial havia mudado de rumo, quando se inicia um segundo período de industrialização no país, agora liderado pelo estabelecimento de indústrias que não se baseavam na distribuição local e sim na escala nacional de participação, conforme descreve Pinedo e Iwakami:

O segundo período é marcado pela instalação de indústrias de metalurgia, química e de bens de consumo duráveis, o que colocou a metrópole paulista na posição de maior concentração de produção industrial, sendo que no final dos anos 50, mais 40% de toda a produção industrial brasileira e quase $\frac{3}{4}$ da produção de bens de capital e consumo duráveis estava na Grande São Paulo. O maciço bloco de investimentos realizado entre 1956 e 1962 através do Plano de Metas altera radicalmente o padrão de acumulação do capital da economia brasileira com a implantação de indústria pesada de bens de produção, instalada principalmente na região da Grande São Paulo. A forma de integração do mercado nacional altera-se qualitativamente ingressa numa segunda fase, muito mais

⁷ A década de 1940 representa o movimento de emancipação da cidade, uma vez que São Caetano anteriormente distrito de São Bernardo do Campo desde 1889, passando a distrito de Santo André em 1939, finalmente homologando São Caetano do Sul como município em 1/1/1949, por decisão do Governador de Estado Adhemar de Barros. (MEDICI, 1993)

profunda, que é a fase da dominação do processo de acumulação do capital em escala nacional, ou seja, a integração do mercado não se manifestava, a partir de 60, apenas pela ótica do fluxo de comércio, mas também e principalmente pelas diretrizes gerais do processo de acumulação de capital reprodutivo do país. Essa mudança qualitativa é de grande importância, pois faria a Grande São Paulo tornar-se o eixo dinâmico da economia nacional. (PINEDO; IWAKAMI, 2013 p.5)

Enquanto estas indústrias de alcance nacional instalam-se com tecnologias, recursos e créditos do exterior, a IRF Matarazzo ainda se recupera dos desgastes da sucessão de Francesco Matarazzo, das dificuldades de manter no mesmo ritmo de investimento e da prematura discussão sobre a sucessão de Francesco Matarazzo Junior. Decaem investimentos e minguem inovações nos processos industriais, demonstrando ao mercado uma obsolescência, que conduzem a uma perda de participação no mercado, cedendo assim espaço aos concorrentes – não eram mais líderes em nenhum dos segmentos. Era o início do declínio que culminaria em 1992 com o pedido de Concordata. (RODRIGUES; VILELA, 2013)

Em 1977 com a morte do Conde Chiquinho (Francesco Matarazzo Júnior) o comando do combalido império passa às mãos de sua filha Maria Pia, cuja missão seria a reestruturação financeira e saneamento do grupo, que levaram em 1983 às primeiras concordatas de uma dezena de companhias do grupo, que já não tinham relevância no cenário econômico nacional. (RODRIGUES; VILELA, 2013)

Portanto neste cenário de reestruturações coube às unidades fabris de São Caetano do Sul sua parte de contribuição com o desmonte de suas unidades químicas, assim já em 1977 a fábrica de rayon e sulfureto encerra suas atividades - sintomaticamente aquela que em 1926 era a indústria inovadora - seguem-na as unidades de cloro, soda cáustica, celulose e resinas. Ao fim, na década de 1980 ainda permaneciam funcionando as unidades de formicida e de cerâmicas – não mais de 800

funcionários em um complexo em abandono e obsoleto. (CALICIO, 2012)

No passado a relação entre administração e trabalhadores estava em deterioração. Inicialmente, nas décadas de 1940 e 1950, as reivindicações de atenção à saúde dos trabalhadores foram atendidas, conforme relata Médici:

A Matarazzo era horrível no começo. O gás era forte, os empregados se queimavam. Aquilo afetava a vista de Maria e de outros companheiros. Em casa ela não conseguia enxergar [...] Depois a fábrica começou a instalar ventiladores e as condições melhoraram. (MEDICI, 1993 p.177)

Porém movimentos reivindicatórios de funcionários por melhoras salariais sucediam-se - alguns resultando em greves⁸. Foram-se lentamente deteriorando as relações de pertencimento entre funcionários, na década de 1960, trabalhadores e fábrica estavam rompidos.

Estas as unidades que continuaram em funcionamento nas décadas de 1970 e 1980, eram a imagem da obsolescência e da falta de manutenção. A situação dos funcionários remanescentes gerou ações do Sindicato dos Trabalhadores Químicos do ABC que tinham por objetivo denunciar o descaso com os funcionários, com os processos produtivos obsoletos e com as fontes de contaminação. Através de um programa de Saúde dos Trabalhadores Químicos em conjunto com os Centros de Saúde do Trabalho, se confirmam as suspeitas de contaminação com 30 casos de Leucopenia, proveniente da contaminação por BHC⁹ em funcionários da IRF Matarazzo. Estas ações do Sindicato findam ao conseguir na Justiça Trabalhista a interdição da unidade de formicidas em 30/10/1985. (TODESCHINI, 1989)

⁸ Greves na unidade de rayon em abril/1953 ou na unidade de louças fevereiro/1964

⁹ BHC – Hexacloro-ciclohexano - é um organoclorado empregado como inseticida cuja Intoxicação pode ocorrer por absorção cutânea, ingestão ou inalação. Ações mais graves ocorrem no sistema nervoso central, fígado, rins e medula óssea, podendo comprometê-los irreversivelmente. Devido à redução dos glóbulos brancos, uma pessoa com leucopenia está sujeita a contrair doenças e até morrer de infecções, principalmente respiratórias. A Leucopenia pode evoluir para quadros mais graves, como a leucemia ou a aplasia da medula (incapacidade de a medula óssea produzir células sanguíneas). (TODESCHINI)

A comercialização deste formicida era feita de maneira irregular pela Mata-razzo, já que para burlar a fiscalização era identificado nas Notas Fiscais como Talco. A fiscalização da Delegacia Regional do Trabalho realizada em 15/10/1985 onde constatou, segundo Todeschini:

[...] vazamento de produtos tóxicos, equipamentos precários e sem manutenção, possível inalação de pó contendo BHC e evidência provável de teores atmosféricos de benzeno além do que o permitido pela legislação; irregularidades na edificação com presença de pisos derrapantes, irregulares, com saliências e depressões e sem proteção contra umidade. Irregularidades que eram fortemente agravadas no fato da Matarazzo utilizar o benzeno, que pode provocar alterações do sistema nervoso central, a ponto de causar fadiga, nervosismo, tontura e vertigens. Numa segunda vistoria, em 22 de outubro de 85, os fiscais trouxeram um aparelho próprio para as medições de benzeno e ficaram duas horas dentro da fábrica em pleno funcionamento. Resultado: todos os locais avaliados apresentavam concentrações de benzeno muito acima do limite de tolerância permitido pela lei (na época 8 ppms). Os índices variavam entre 20 e 100 ppms. **Em certos pontos, os trabalhadores respiravam diariamente 120 vezes mais benzeno do que o máximo permitido pela legislação da época.**

(Grifo nosso) (TODESCHINI, 1989 p.83)

Por fim, em 7/4/1987 falece Pedro Mangueira Filho, contratado em 1973 pela IRF Matarazzo como Mecânico de Manutenção, contaminado por BHC e portador de Leucopenia. Declarado oficialmente como a primeira vítima de contaminação. Quebra-se o vínculo fábrica-funcionário-cidade, que marcara a relação paternalista da industrialização moderna. Lentamente as instalações industriais passam do abandono à destruição – conforme Figura 3 – assim como se abandona as histórias que as cercam. Os embates judiciais sucedem-se às restrições de ocupação, circulação e uso – excetuam-se as casas da Vila Matarazzo ainda habitadas, vizinhas da contaminação e órfãs do trabalho fabril.

No período de agosto de 1995 a março de 1997, investigações da CETESB (Companhia Ambiental do Estado de São Paulo, agência estadual responsável pelo controle, fiscalização, monitoramento e licenciamento de atividades de risco ambiental) revelam elevados níveis de Mercúrio e BHC. Com base nesses resultados, a Indústrias Químicas Matarazzo S.A. – sucessora da IRF Matarazzo - foi autuada para remediar as áreas contaminadas, com a exigência de não aproveitamento da área para quaisquer atividades. Em 2001 constata-se que não promoveram o encerramento oficial das atividades - simplesmente desativaram as instalações, mas permanecem com a obrigação de responder pelo passivo ambiental.

A Prefeitura de S. Caetano do Sul permuta uma parte do terreno com os herdeiros da IRF Matarazzo pelas dívidas de tributos municipais. Em fevereiro de 2005 a Prefeitura torna-se corresponsável pela disseminação de contaminantes quando ela realiza um Complexo Viário na área - uma avenida rasga o terreno e transpassa a linha do trem com um viaduto - sem autorização e/ou conhecimento da CETESB. Em resposta a CETESB emite um Auto de Intimação à Prefeitura Municipal de São Caetano do Sul e a Indústrias Químicas Matarazzo SA, para prestarem esclarecimentos sobre o assunto.

Em Audiência Pública em maio de 2011 na Câmara Municipal de São Caetano do Sul, os vereadores e a CETESB, confirmam que parte do terreno da extinta IRF Matarazzo foi negociado com a Cyrela¹⁰ pelos herdeiros e pela prefeitura – esta incorporadora já tinha negociado com os herdeiros da Família a Mansão Matarazzo na Av. Paulista (S. Paulo) construindo o Shopping Cidade de S. Paulo¹¹.

¹⁰ Cyrela Commercial Properties S.A. Empreendimentos e Participações é uma empresa de Incorporação de Empreendimentos Imobiliários, lançada em 2007, tem de seus principais focos o desenvolvimento de shopping centers, Cyrela Brazil Realty já era uma empresa consolidado, focada em incorporação e construção de imóveis residenciais. Atualmente opera em 16 estados e 66 cidades no Brasil, além da Argentina e Uruguai.

¹¹ Desenvolvido e construído pela Cyrela Commercial Properties (CCP), tem área bruta locável de 17 mil m², com cinco pisos, 160 lojas, 1,5 mil vagas de estacionamento e bicicletário com 150 vagas.



Figura 3: Vista aérea de parte das ruínas da IRF Matarazzo em São Caetano do Sul – 2015. Fonte: Google Earth 2015 – modificado pelo autor

Em agosto de 2014 o terreno onde funcionava a IME (Indústria Matarazzo de Energia) recebe famílias de sem-teto ligados ao Movimento de Defesa dos Favelados (MDF). Em 10 dias de ocupação mais de cinco mil pessoas, sendo três mil crianças, instalam-se. Eles foram retirados em finais de setembro por uma Ação Judicial de Reintegração e Manutenção de Posse.

A área ainda permanece sob vigilância e litígio. Os embates judiciais sucedem-se às restrições de ocupação, circulação e uso – em meio a tudo restam as casas da Vila Matarazzo, ainda habitadas, vizinhas da contaminação e órfãs do trabalho fabril

3. Considerações Finais

O espaço urbano tem uma história que se expressa fisicamente como palco de contradições e conflitos de diferentes épocas (cada uma com suas funções), na cristalização e acúmulo dos tempos, porém percebe-se que em certos momentos parcelas do espaço pré-existente são resistentes.

Se o passado deste território está morto no tempo, não o está para o espaço que o configurou, enquanto conjunto de rugosidades que mesmo alteradas permanecem no encontro dos rios contaminados do Tamanduateí e dos Meninos, no deslocamento

de passageiros através da linha do trem, porém o espaço fabril está agora desprovido de inter-relações de produção.

Desta forma podemos entender que as técnicas empregadas neste primeiro surto de industrialização, nas seis primeiras décadas do século XX, materializam a relação tempo – espaço, já que “a técnica nos ajuda a historicizar, isto é, a considerar o espaço como fenômeno histórico, a geografizar, isto é, a produzir uma geografia como ciência histórica” (SANTOS, 2012 p.49)

Hoje, estas áreas portadoras de uma realidade histórica em constante processo de transformação, permanecem vazias e órfãs, desmaterializadas da técnica anterior, mas portadoras de potenciais transformações do tecido urbano, à espera da subordinação à nova realidade da região metropolitana, onde a verticalização industrial dá lugar à centralização do capital, tornando as cidades do ABC paulistas centros de gestão e serviços.

Referências

- BLECHER, Nelson. **O maior do Brasil**, um dos maiores do mundo. Revista Exame, S. Paulo, v. 16, n. 8, p.73-76, 20 out. 2004. Semanal. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/revista-exame/noticias/o-maior-do-brasil-um-dos-maiores-do-mundo-m0051565>>. Acesso em: 2 nov. 2017.
- BURGOS, Rosalina. **Transformações recentes das periferias urbanas da metrópole de São Paulo**: contribuição para (re) definições teórico-conceituais. Revista Geográfica de América Central, v. 2, 2011.
- CALICIO, Everton. **100 Anos de Matarazzo em S. Caetano do Sul**: Uma cronologia fabril. Raízes, S. Caetano do Sul, v. , n. 43, p.41-46, dez. 2012. Semestral.
- CARVALHO, Cristina Toledo de. A presença dos monges beneditinos na São Paulo colonial (1598–1792). **REVISTA DE TEOLOGIA** (RevEleTeo). ISSN 2177-952x, n. 2, 2007.
- DEAN, Warren. A INDUSTRIALIZAÇÃO DE SÃO PAULO (1880-1945). São Paulo. Difusão Europeia do Livro / EDUSP, 1971. 272 p.
- LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política. Belo Horizonte**: Ed. da UFMG, 2008.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1996
- LANGENBUCH, Juergen Richard et al. **A estruturação da Grande São Paulo**: estudo de geografia urbana. Rio de Janeiro. IBGE. 1971
- MARCOVITCH, Jacques. **PIONEIROS E EMPREENDEDORES - A Saga Do Desenvolvimento No Brasil**. São Paulo, EDUSP.2003
- MARTINS, Jose de Souza: **A Escravidão em São Caetano (1598-1871)**. Coedição da Assoc. Cultural Recreativa e Esportiva Luiz Gama, Sindicato dos Trabalhadores das Industriais de Construção e do Mobiliário de S. Caetano do Sul e do CEDI-Centro Ecumênico de Documentação e Informação, São Caetano do Sul (SP), 1988, 28 pp
- _____. **A formação do espaço regional do Tijucuçu e de São Caetano**. Raízes, S. Caetano do Sul, n. 5, p.4-16, jul. 1991. Semestral.
- _____. **Subúrbio**: vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República Velha. UNESP, 1992.
- MÉDICI, Ademir. **De volta à velha fábrica**. Raízes, S. Caetano do Sul, v. , n. 9, p.45-49, jul. 1993. Semestral
- RAFFARD, Henrique. **Alguns Dias Na Paulicéia**. Biblioteca Academia Paulista de Letras, 1977, 109p
- PASSARELLI, Silvia Helena. **FERROVIA, PAISAGEM E MEMÓRIA**. 2011
- PINEDO Jr, Luiz de Quinto; IWAKAMI, Luiza Naomi. **A reconfiguração sócio espacial da metrópole paulistana**: a releitura da reestruturação produtiva e a desconcentração industrial. Anais: Encontros Nacionais da ANPUR, v. 8, 2013.
- RODRIGUES, Marcelo L. VILELA, Renato. **FAMILIA MATARAZZO**: Primeiro caso relevante de sucessão de um grupo familiar no Brasil. FGV – Grupo de Estudos de Empresas Familiares – INTERLINK Governança Global. 2013
- SAES, Flávio NOZOE, Nelson Hideki. A Indústria Paulista Da Crise De 1929 Ao Plano De Metas. In: **Anais do XXXIV Encontro Nacional de Economia** [Proceedings of the 34th Brazilian Economics Meeting]. ANPEC-Associação Nacional dos Centros de Pósgraduação em Economia [Brazilian Association of Graduate Programs in Economics], 2006.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2006
- _____. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico - científico - informacional. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Edusp, 2012
TODESCHINI, Remigio. **INSALUBRIDADE Morte Lenta do Trabalhador.** Oboré. 1989 223 p.
VAISMAN, Nina; GATTI, Simone. **20-Operações Urbanas Consorciadas: Ins-trumento para uma Cidade Sustentável o Caso da Operação Urbana Eixo Tamanduatehy em Santo André.**

Resumo

Essa análise das transformações do espaço industrial, no século XX, trata de estabelecer um nexo entre permanência e alternância das formas fabris, por meio da sua materialização na relação tempo-espaço. Objetiva-se analisar como o aparato técnico empregado na indústria conformou espaços urbanos e, esse aparato, uma vez superado, deixa sua herança no encerramento de um ciclo industrial, no impacto ambiental e social, em áreas urbanas subutilizadas ou negligenciadas. Por meio de documentações históricas, busca-se analisar como a supressão, acumulação e superposição de trabalhos fabris conformam "rugosidades" que segundo a visão de Milton Santos, manifestam-se nos rios Tamanduateí e dos Meninos, na linha do trem, em uma edificação religiosa e nas chaminés das indústrias. Essas cristalizações do tempo-espaço, se apresentam em São Caetano do Sul (SP) como potencial referência da transformação do espaço urbano, na chegada de um novo ciclo, servindo como estudo para a percepção dos movimentos e eventos que certamente virão.

Palavras Chave: Subúrbio. Trabalho Fabril. Vila Matarazzo. Contaminação.

Abstract

This analysis looks at transformations of industrial space in the twentieth century tries to establish a link between the permanence and alternation of the factory forms, through their materialization in the relation time-space. It aims to analyse how the technical apparatus employed in the industry conformed urban spaces, and this apparatus, once overcome, leaves its inheritance in the closing of an industrial cycle, in the environmental and social impact, in underused or neglected urban areas. Through historical documentation, sought to analyse how the suppression, accumulation and superposition of factory works conform "rugosidades", which according to the vision of Milton Santos, are manifested in the rivers Tamanduateí and Meninos, the tracks of the train, a religious building and industrial chimneys. These crystallizations of space-time presented in São Caetano do Sul (SP), suburb of São Paulo, are a potential reference for the transformation of urban space, the arrival of a new cycle, serving as a study for perception of movements and events that will surely come.

Keywords: Suburbs. Industrial Work. Vila Matarazzo. Contamination.

Resumen

Este análisis de las transformaciones del espacio industrial en el siglo XX intenta establecer un vínculo entre la permanencia y la alternancia de las formas de fabricación, a través de su materialización en la relación tiempo-espacio. El objetivo es analizar cómo los aparatos técnicos empleados en la industria conformaron los espacios urbanos, y este aparato, una vez superado, deja su herencia en el cierre de un ciclo industrial, en el impacto ambiental y social, en áreas urbanas subutilizadas o abandonadas. A través de la documentación histórica, se busca analizar cómo la supresión, acumulación y superposición de las obras de fábrica se ajustan a las "rugosidades", que según la visión de Milton Santos, se manifiestan en los ríos Tamanduateí y Meninos, en la línea del tren, en un edificio religioso y en las chimeneas industriales. Estas cristalizaciones del espacio-tiempo se presentan en São Caetano do Sul (SP), suburbio de la ciudad de S. Paulo, como una referencia potencial para la transformación del espacio urbano, a la llegada de un nuevo ciclo, que sirve como un estudio para la percepción de Movimientos y acontecimientos que seguramente vendrán.

Palabras clave: Suburbio. Trabajo de fábrica. Vila Matarazzo. Contaminación.